

CAPÍTULO 1

EMMA WOODHOUSE, BONITA, astuta e rica, com um lar confortável e um temperamento feliz, parecia unir algumas das melhores bênçãos da existência; e tinha vivido quase 21 anos no mundo com bem poucas coisas que a perturbassem ou aborrecessem.

Era a mais nova das duas filhas de um pai muitíssimo afetuoso e indulgente e havia se tornado soberana da casa dele muito cedo, devido ao casamento da irmã. Sua mãe morrera num passado remoto demais para que ela tivesse mais do que uma lembrança indistinta das carícias maternas, e o lugar dela fora ocupado por uma excelente mulher – na função de preceptora – que por pouco não representava uma verdadeira mãe em termos de afeto.

A srta. Taylor já completara dezesseis anos de permanência com a família do sr. Woodhouse, menos uma preceptora do que uma amiga, com grande apego por ambas as filhas, mas particularmente por Emma. Entre *elas* a relação era marcada mais por uma intimidade de irmãs. Mesmo quando a srta. Taylor ainda detinha o ofício nominal de preceptora, a brandura de sua personalidade dificilmente lhe permitira impor qualquer restrição; e a sombra da autoridade estando agora de todo extinta, elas viviam juntas como amigas, e amigas muito unidas num laço recíproco, com Emma fazendo tudo que fosse de seu agrado – estimando no grau máximo as opiniões da srta. Taylor, mas orientada principalmente por seu próprio discernimento.

Os efetivos males da situação de Emma, de fato, eram o poder de fazer as coisas a seu próprio modo com certa demasia e uma tendência de avaliar seus méritos numa superestimação um pouco excessiva; essas eram as desvantagens

que ameaçavam macular seus inúmeros divertimentos. O perigo era tão despercebido de momento, no entanto, que tais desvantagens não eram de modo algum classificadas por ela como infortúnios.

A tristeza veio – uma tristeza suave –, mas de modo algum sob a forma de qualquer consciência desagradável. A srta. Taylor se casou. Foi a perda da srta. Taylor o que acarretou o primeiro pesar. Foi no dia do casamento dessa tão adorada amiga que Emma se deteve pela primeira vez num pensamento entristecido de alguma persistência. Com o casamento terminado e os convidados da noiva tendo ido embora, ela e o pai tiveram de jantar sozinhos, sem nenhuma perspectiva de uma terceira pessoa para animar a longa noite. O pai se acomodou para dormir depois do jantar, como de hábito, e a ela só restou ficar sentada e pensar no que perdera.

O evento continha todas as promessas de felicidade para sua amiga. O sr. Weston era um homem de caráter irrepreensível, confortável fortuna, idade adequada e modos agradáveis; e havia certa satisfação em considerar a generosa e abnegada amizade que sempre a levava a desejar e promover o enlace; mas esse era um trabalho ingrato para ela. A falta da srta. Taylor seria sentida em todas as horas de todos os dias. Emma recordou a bondade da companheira nos tempos passados – a bondade, o afeto de dezesseis anos – o quanto a srta. Taylor lhe ensinara e brincara com ela desde os cinco anos de idade – como devotara todos os seus poderes para conquistá-la e diverti-la na saúde – e o quanto cuidara dela durante as várias doenças da infância. Tinha uma enorme dívida de gratidão; mas o relacionamento dos últimos sete anos, a vivência em pé de igualdade e a perfeita ausência de reservas que logo haviam surgido após o casamento de Isabella, quando as duas passaram a ser as únicas damas da casa, era uma recordação ainda mais terna e estimada. A srta. Taylor tinha sido uma amiga e companheira tal como poucos possuíam, inteligente, bem informada, prestativa, gentil, conhecedora de todos os costumes dos Woodhouse, interessada por tudo que dizia respeito à família e peculiarmente

interessada por ela, por todos os prazeres, por todas as suas maquinações – alguém para quem ela podia expressar todos os pensamentos no mesmo instante em que ocorressem e que tinha um afeto imenso por ela, tanto que jamais era capaz de lhe dirigir uma reprovação.

Como ela suportaria essa mudança? Era verdade que sua amiga estava se afastando deles em somente meia milha, mas Emma tinha noção de que grande haveria de ser a diferença entre uma sra. Weston somente meia milha longe deles e uma srta. Taylor dentro da casa e, apesar de todas as suas vantagens, naturais e domésticas, agora ela incorria num grande perigo de sofrer por solidão intelectual. Emma adorava o pai, mas o pai não lhe servia como companheiro. Ele não tinha condições de satisfazê-la numa conversa, fosse séria ou jocosa.

O malefício da efetiva disparidade em suas idades (e o sr. Woodhouse não se casara cedo) era bastante intensificado pela constituição e pelos hábitos dele, porque, tendo sido um valetudinário a vida toda, sem atividade da mente ou do corpo, ele era um homem muito mais velho nos costumes do que nos anos; embora fosse amado por todos devido ao coração amistoso e ao temperamento afável, seus talentos não o teriam recomendado em momento algum.

A irmã, embora só tivesse sido afastada pelo matrimônio, em termos comparativos, senão em pequena escala, estando estabelecida em Londres e a meras dezesseis milhas de distância, encontrava-se muito além do alcance diário de Emma; e várias noites intermináveis de outubro e novembro teriam de ser enfrentadas com empenho em Hartfield até que o Natal trouxesse a visita seguinte de Isabella, com seu marido e suas crianças pequenas, para encher a casa e lhe proporcionar outra vez uma companhia prazerosa.

Highbury, o amplo e populoso vilarejo que quase atingia o nível de cidade, ao qual Hartfield, a despeito de ter nome, gramado e arbustos independentes, de fato pertencia, não propiciava para Emma nenhuma pessoa que se assemelhasse a ela. Os Woodhouse eram os primeiros em importância nas

redondezas. Não havia quem não os admirasse. Emma tinha muitas conhecidas no vilarejo, pois seu pai era universalmente cortês, mas nenhuma entre elas poderia ser aceita em lugar da srta. Taylor por sequer metade de um dia. Tratava-se de uma mudança melancólica; e Emma não pôde senão suspirar diante do fato e desejar coisas impossíveis até que o pai acordou, tornando necessária uma ostentação de jovialidade. O ânimo do sr. Woodhouse precisava de apoio. Ele era um homem nervoso, ficava deprimido com facilidade; gostava de todas as pessoas com as quais se acostumara e detestava separar-se delas; detestava qualquer espécie de mudança. O matrimônio, por ser origem de mudança, era sempre desagradável; ele não se sentia de modo algum reconciliado com o casamento de sua própria filha, tampouco jamais conseguia falar sobre ela senão com palavras de compaixão, embora aquele tivesse sido inteiramente um enlace de afeto, e agora se via obrigado a separar-se da srta. Taylor também; por causa dos seus hábitos de brando egoísmo e por nunca ser capaz de supor que outras pessoas pudessem ter sentimentos diferentes em relação aos dele, ficou bastante disposto a pensar que a srta. Taylor fizera uma coisa triste tanto para si mesma quanto para eles, e teria se sentido bem mais feliz caso ela tivesse passado todo o resto de sua vida em Hartfield. Emma sorriu e jogou conversa fora com a maior jovialidade possível para impedir que tais pensamentos o acometessem; quando chegou o chá, porém, foi impossível para o sr. Woodhouse não dizer exatamente como dissera no jantar:

– Pobre srta. Taylor! Eu queria que ela estivesse aqui de volta. É tão lamentável que o sr. Weston um dia tenha chegado a pensar nela!

– Não posso concordar com o senhor, papai; o senhor sabe que não posso. O sr. Weston é um homem tão bem-humorado, tão agradável, tão excelente que merece mais do que ninguém uma boa esposa; e o senhor não ia querer que a srta. Taylor morasse conosco para sempre, tendo de suportar todos os meus humores esquisitos, quando ela poderia ter uma casa própria...

– Uma casa própria! Mas qual é a vantagem de uma casa própria? A nossa é três vezes maior... E você nunca tem humores esquisitos, minha querida.

– Nós iremos visitá-los e eles virão nos visitar com tanta frequência! Vamos estar sempre nos encontrando! *Nós* precisamos começar, precisamos fazer o quanto antes a nossa visita de casamento.

– Minha querida, de que maneira eu vou conseguir chegar tão longe? Randalls fica tão distante... Eu não conseguiria caminhar metade dessa distância.

– Não, papai, ninguém está dizendo que o senhor vai caminhar. Nós devemos ir na carruagem, sem dúvida.

– A carruagem?! Mas James não vai gostar de atrelar os cavalos para um trajeto tão pequeno; e onde deverão ficar os pobres cavalos enquanto nós estivermos fazendo a nossa visita?

– Eles serão colocados no estábulo do sr. Weston, papai. O senhor sabe que nós já deixamos tudo isso acertado. Combinamos tudo com o sr. Weston ontem à noite. E, quanto a James, o senhor pode ter toda a certeza de que ele sempre vai gostar de ir para Randalls, porque a filha dele trabalha como criada lá. Eu só duvidaria que ele jamais fosse querer nos levar para qualquer outro lugar. Isso foi ação sua, papai. Foi o senhor quem obteve essa boa colocação para Hannah. Ninguém pensou em Hannah até que o senhor a mencionou... James é tão agradecido ao senhor!

– Fico muito contente por ter de fato pensado nela. Foi uma tremenda sorte, porque eu nunca permitiria que o pobre James acreditasse estar sendo menosprezado por conta de alguma coisa; e eu tenho certeza de que ela será uma ótima criada; ela é uma moça cortês, fala bonito; tenho a melhor das opiniões a respeito dela. Sempre que a vejo ela faz sem falta uma reverência e me pergunta como estou de uma maneira muito bonita; quando ela vinha fazer bordados aqui para você, eu observava que na saída ela sempre girava o trinco da porta no sentido correto e não a batia nunca. Tenho certeza de que ela vai ser uma criada excelente; e a pobre srta.

Taylor sentirá um grande consolo em ter por perto alguém que ela está acostumada a ver. Sempre que James for até lá para visitar sua filha, claro, ela terá notícias nossas. Ele terá condições de lhe contar como estamos.

Emma não poupou esforços para manter esse fluxo mais alegre de ideias e teve alguma esperança, com a ajuda de um tabuleiro de gamão, de fazer com que o pai atravessasse razoavelmente a noite, sem que ela fosse atacada por quaisquer pesares que não os dela mesma. A mesa de gamão foi preparada; um instante depois, contudo, um visitante entrou e a tornou desnecessária.

O sr. Knightley, um homem sensato em seus 37 ou 38 anos, não somente era um amigo muito antigo e íntimo da família como era também particularmente ligado a ela na condição de irmão mais velho do marido de Isabella. Ele morava mais ou menos a uma milha de Highbury, sendo um visitante frequente e sempre bem-vindo, e naquele momento era mais bem-vindo ainda, por ter vindo diretamente dos parentes mútuos que eles tinham em Londres. Retornara para um jantar tardio após alguns dias de ausência e agora viera caminhando até Hartfield para dizer que todos estavam bem em Brunswick Square. A circunstância era feliz e animou o sr. Woodhouse por algum tempo. O sr. Knightley tinha modos joviais que sempre lhe faziam bem; e suas inúmeras perguntas sobre a “pobre Isabella” e os filhos dela foram respondidas de uma forma muitíssimo satisfatória. Quando isso acabou, o sr. Woodhouse observou com gratidão:

– É muito gentil de sua parte, sr. Knightley, sair a esta hora tardia para nos fazer uma visita. Receio que o senhor tenha feito uma caminhada terrível.

– Nada disso, senhor. A noite está linda, enluarada, e tão amena que me vejo obrigado a recuar do seu grande fogo.

– Mas o senhor deve ter enfrentado um caminho muito úmido e lamacento. Espero que o senhor não pegue um resfriado.

– Lamacento, senhor?! Olhe bem para os meus sapatos. Nem mesmo um pingo de lama neles.

– Ora! Isso é um tanto surpreendente, pois tivemos uma vasta quantidade de chuva por aqui. Choveu tenebrosamente forte por meia hora enquanto estávamos no desjejum. Eu quis que eles adiassem o casamento.

– Por falar nisso, eu não lhes desejei felicidades. Estando mais do que ciente do tipo de felicidade que vocês dois devem estar sentindo, não fiz questão alguma de apresentar às pressas as minhas congratulações. Mas imagino que tudo tenha corrido toleravelmente bem. Como foi que vocês se comportaram? Quem chorou mais?

– Ah! Pobre srta. Taylor! Esse é um negócio triste.

– Pobres sr. e srta. Woodhouse, se vocês quiserem; mas não consigo sob hipótese alguma dizer “pobre srta. Taylor”. Tenho um enorme respeito pelo senhor e por Emma, mas quando a questão é discutir dependência e independência... Em todo caso, deve ser melhor ter apenas uma pessoa para agradecer do que duas.

– Especialmente quando *uma* dessas duas pessoas é uma criatura tão caprichosa e problemática! – disse Emma num tom de gracejo. – Isso é o que o senhor tem na cabeça, eu sei... e é o que o senhor por certo diria se o meu pai não estivesse junto.

– Creio que essa é a mais pura verdade, minha querida, não há dúvida – o sr. Woodhouse falou com um suspiro. – Receio que eu seja por vezes bastante caprichoso e problemático.

– Meu queridíssimo papai! O senhor não poderá pensar que eu estaria me referindo ao *senhor*, ou supor que o sr. Knightley iria se referir ao *senhor*. Que ideia horrível! Não, não! Eu estava me referindo apenas a mim mesma. O sr. Knightley adora me criticar... de brincadeira... é tudo uma brincadeira. Nós sempre falamos o que nos dá na cabeça um para o outro.

O sr. Knightley, de fato, era uma das únicas pessoas capazes de enxergar defeitos em Emma Woodhouse e a única que jamais lhe falava sobre eles; embora isso não fosse particularmente agradável à própria Emma, ela sabia que seria muito menos agradável para o seu pai, tanto que não quis

deixá-lo suspeitar realmente de uma circunstância como aquela, de que ela não era considerada perfeita por todo mundo.

– Emma sabe que não a lisonjeio nunca – disse o sr. Knightley. – Mas eu não quis falar mal de ninguém. A srta. Taylor se acostumou a ter duas pessoas para agradar; agora ela não terá senão uma. De acordo com todas as probabilidades, ela sairá ganhando.

– Bem – disse Emma, querendo deixar para trás o assunto –, o senhor quer um relato sobre o casamento, e ficarei feliz em fazê-lo, porque nós todos nos comportamos do modo mais encantador. Todo mundo foi pontual, todo mundo com suas melhores aparências. Nem uma lágrima sequer e dificilmente um rosto abatido pôde ser visto. Ah, não! Nós sentimos que seríamos separados apenas por uma mera distância de meia milha e ficamos certos de que nos encontraríamos todos os dias.

– A minha querida Emma suporta tudo tão bem – disse o pai dela. – Contudo, sr. Knightley, na verdade ela lastima muito perder a pobre srta. Taylor, e tenho certeza de que *vai* sentir a falta da amiga mais do que imagina.

Emma desviou o rosto, dividida entre lágrimas e sorrisos.

– É impossível que Emma não sinta falta de uma companheira tão boa – falou o sr. Knightley. – Nós não gostaríamos dela tanto quanto gostamos, senhor, se pudéssemos supor algo assim. Mas ela sabe o quanto esse casamento é vantajoso à srta. Taylor; ela sabe o quanto deve ser muitíssimo aceitável no entender da srta. Taylor, nessa altura de sua vida, o estabelecimento num lar que ela pode chamar de seu, e o quanto é importante para ela dispor da segurança de uma provisão confortável, e, portanto, não pode se permitir sentir prazer e dor na mesma medida. Todos os amigos da srta. Taylor só podem ficar contentes em vê-la casada numa situação de tamanha felicidade.

– E o senhor se esqueceu de uma fonte de alegria para mim – disse Emma –, e é uma fonte muito considerável: o fato de que eu mesma formei o enlace. Formei o enlace, veja bem, quatro anos atrás; e ver o casamento se concretizar, e

ter provado estar com a razão quando tantas pessoas diziam que o sr. Weston nunca se casaria de novo, isso é algo que poderá me consolar por qualquer coisa.

O sr. Knightley balançou a cabeça diante de Emma. O pai dela retrucou com ternura:

– Ah, minha querida, eu queria que você não ficasse formando enlaces e pressagiando coisas, pois tudo aquilo que você fala sempre acaba virando realidade. Por favor, não forme mais enlace algum.

– Eu lhe prometo que não formarei enlace algum para mim mesma, papai; mas preciso formá-los, não tenha dúvida, para outras pessoas. É a maior diversão do mundo! E depois desse tremendo sucesso! Todo mundo disse que o sr. Weston nunca se casaria de novo. Minha nossa, não! O sr. Weston, que tinha sido viúvo por tanto tempo e parecia viver em tão perfeito conforto sem uma esposa, tão constantemente ocupado ou com seu negócio na cidade ou entre seus amigos aqui, sempre aceitável onde quer que estivesse, sempre animado... o sr. Weston não precisava passar uma única noite do ano sozinho se não quisesse. Ah, não! O sr. Weston certamente nunca iria se casar de novo. Algumas pessoas falavam inclusive de uma promessa que ele tinha feito à esposa no leito de morte dela, e outras diziam que o filho e o tio não deixavam. Todos os mais solenes tipos de desatino foram abordados em relação ao assunto, mas eu não acreditei em nenhum deles. Desde aquele dia (cerca de quatro anos atrás) em que a srta. Taylor e eu encontramos o sr. Weston em Broadway-lane, quando, porque começou a chover, ele disparou com tamanha galantaria e pegou para nós dois guarda-chuvas emprestados com o agricultor Mitchell, eu fiquei decidida nesse assunto. Planejei o enlace a partir daquele minuto; e quando me vejo abençoada por tamanho sucesso nesse caso, meu querido papai, o senhor não pode pensar que eu vá querer abandonar a função de casamenteira.

– Não consigo entender o que você quer dizer com “sucesso” – falou o sr. Knightley. – Sucesso pressupõe dedicação. O seu tempo foi apropriada e delicadamente empregado caso

você tenha se dedicado nos últimos quatro anos a fazer acontecer esse casamento. Uma ocupação digna para a mente de uma jovem dama! Entretanto, e isso é o que eu imagino, se a sua formação do enlace, como você diz, significa somente que você o planejou, que você disse consigo num dia ocioso: “Eu creio que seria uma coisa muito boa para a srta. Taylor se o sr. Weston quisesse se casar com ela”, para depois voltar a dizer isso consigo de vez em quando, por que motivo você fala de sucesso? Onde está o seu mérito? Você tem orgulho do quê? Você teve sorte no seu palpite; e *isso* é tudo que pode ser dito.

– E o senhor nunca experimentou o prazer e o triunfo de um palpite de sorte? Tenho pena do senhor. Pensei que o senhor fosse mais esperto... porque, tenha certeza disso, um palpite de sorte nunca é mera sorte. Sempre existe algum talento nele. E quanto à minha pobre palavra “sucesso”, com a qual o senhor quer brigar, não sei se sou tão inteiramente desprovida de qualquer direito a ela. O senhor pintou dois belos quadros... mas acredito que possa existir um terceiro... algo entre o fazer nada e o fazer tudo. Se eu não tivesse promovido as visitas do sr. Weston aqui, dando a eles vários pequenos incentivos, facilitando várias pequenas questões, a coisa poderia não ter dado em nada no final das contas. Creio que o senhor deve conhecer Hartfield bem o bastante para compreender isso.

– Um homem franco e de coração aberto como Weston e uma mulher racional e sem afetações como a srta. Taylor podem ser deixados com segurança no controle de seus próprios interesses. Você corre mais risco de prejudicar a você mesma do que de fazer um bem a eles com alguma interferência.

– Emma nunca pensa nela mesma quando pode fazer algo de bom pelos outros – replicou o sr. Woodhouse, compreendendo apenas uma parte. – Mas, minha querida, por favor, não fique formando mais enlaces... Enlaces são coisas estúpidas que dispersam dolorosamente o círculo familiar.

– Só mais um, papai; só para o sr. Elton. Pobre sr. Elton! O senhor gosta do sr. Elton, papai... Preciso sair em busca de uma esposa para ele. Não há ninguém em Highbury que

o mereça... e ele já está morando aqui faz um ano inteiro, e mobiliou sua casa tão confortavelmente que seria lastimável vê-lo permanecer solteiro por mais tempo... E me pareceu, quando o sr. Elton estava unindo as mãos deles hoje, que ele passava uma forte impressão de alguém que gostaria de ser agraciado com o mesmo ofício bondoso! Tenho a mais alta opinião a respeito do sr. Elton, e essa é a única maneira que eu tenho de lhe prestar um favor.

– O sr. Elton é um jovem muito bonito, com toda certeza, e um ótimo jovem, e tenho um enorme respeito por ele. Mas se você quer lhe demonstrar alguma atenção, minha querida, convide-o para vir jantar conosco um dia desses. Isso será uma coisa bem melhor. Ouso dizer que o sr. Knightley vai nos fazer a bondade de vir também.

– Com o máximo prazer, senhor, a qualquer momento – o sr. Knightley disse rindo. – E eu concordo inteiramente com o senhor que será uma coisa bem melhor. Convide-o para jantar, Emma, e sirva os melhores pratos de galinha e de peixe, mas deixe que o sujeito escolha sua própria esposa. Você pode confiar no que digo, um homem de 26 ou 27 anos sabe cuidar de si mesmo.